

Um modo de ver a cidade

Apresentação do III Seminário da USJT- *Cidade e Indústria: Ações Contemporâneas*

Ana Paula Khoury*

A way to see the city

Presentation at USJT III Seminar - City and Industry: Contemporary Actions

“[...] planejadores e políticos demoraram a descobrir o estado de privação crescente em que viviam os pobres nas áreas intra-urbanas; percebeu-se então que as zonas onde essa gente morava estavam sofrendo um processo de despovoamento e desindustrialização; daí por que os planejadores foram progressivamente passando do ponto de vista meramente físico para o social e o econômico” (Peter Hall, *Cidades do Amanhã*. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 396).

A afirmação de Hall explica a mudança de paradigma do planejamento urbano na metade da década de 1970, quando a solução dos problemas da cidade é procurada por meio da organização da comunidade local. Segundo Hall (2007, p. 396), o papel do arquiteto transforma-se duas vezes em vinte anos, de planejador demiurgo, dedicado a soluções do espaço urbano mediante diagramas sintéticos, característica do profissional da década de 1950, para um outro tipo de profissional, dedicado à interpretação das informações dos modelos de transporte simulados por computador, característica do profissional da década de 1960 e, finalmente, para aquele perfil de profissional, característico da década de 1980, socialmente engajado e dedicado a mediar os conflitos de interesses entre os grupos locais organizados e o poder público.

Nas palavras do autor, essa última transformação marca o período de crise do planejamento urbano como disciplina funcional e normativa de ordenação espacial. As grandes demolições, que tradicional-



* Graduou-se e fez mestrado e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (EESC-1991, EESC-1999, FAU-USP-2005), com pesquisa na área de História da Arquitetura Moderna Brasileira. Atualmente desenvolve, na condição de coordenadora assistente, o projeto Pioneiros da Habitação Social no Brasil – Inventário e análise da produção habitacional no Brasil entre 1930 e 1964, com coordenação principal do prof. Nabil Bonduki. É autora do livro *Grupo Arquitetura Nova* (2003). É professora do curso de graduação (desde 2003) e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu (desde 2008). Email: anahoury@ig.com.br

mente realizaram as adaptações espaciais aos novos arranjos sociais e que, nos anos 1960, permitiram a introdução em massa, nas cidades existentes, do meio de transporte individual sobre rodas, o automóvel, passam a ser consideradas, a partir de então, como ingerências intoleráveis sobre a ordem física da cidade.

A mesma ordem física da cidade que, por um lado, expressava, em sua aparente desorganização funcional, o predomínio da lógica do máximo lucro para o capital privado mostrava que, de acordo com a experiência concreta, por meio das grandes reestruturações urbanas do passado, quanto mais “reorganizada” era a cidade em seu conjunto, mais espaço ocupava nela um novo tipo de cidade homogeneizante e muito mais excludente.

Apresentam-se, por intermédio desse novo paradigma que nasce com a crise do planejamento urbano “tecnocrático” e “feito de cima para baixo”, a valorização da diversidade espacial urbana, manifestação de uma sociedade industrial mais democrática e inclusiva, e a crítica aos grandes espaços totalizantes, típicos do modelo ideal da cidade do movimento moderno.

Os principais marcos dessa transformação foram *Morte e vida de grandes cidades norte-americanas*, livro de Jane Jacobs publicado nos Estados Unidos em 1961, e a demolição, no início da década de 1970, do conjunto habitacional Pruitt Igoe, construído menos de duas décadas antes em Saint Louis (Missouri, EUA), mas que se encontrava em lastimável estado de abandono e degradação física.

Nas palavras de Hall, foi o “malogro da remodelação urbana norte-americana” capitaneada por Robert Moses, nos anos 1960, e da britânica, um pouco anterior, que substituiu os cortiços por blocos habitacionais, sem preocupação com a organização comunitária das populações assentadas. Principalmente, os questionamentos que tais operações suscitaram “ajudam a explicar o impacto colossal provocado em ambos os países pela obra de Jane Jacobs *Death and Life of Great American Cities* (Morte e vida de grandes cidades norte-americanas)” (HALL, p. 274).

A demolição do conjunto habitacional Pruitt Igoe, projetado segundo princípios da unidade de habitação corbusiana, simbolizou para toda uma geração de profissionais a necessidade de um novo modelo de planejamento urbano, no qual as decisões a respeito das transformações urbanas fizessem parte do processo de organização comunitária e fossem tomadas com a participação dos “atores” locais. Reconhecendo com isso que os problemas urbanos não poderiam ser resolvidos pela lógica simples

das soluções técnicas, mas que os planejadores deveriam buscar nas disciplinas sociais as respostas para aquilo que havia falhado no modelo anterior.

Enquanto Hall escreve sua “história intelectual do planejamento e do projeto urbanos no século XX”, no final da década de 1980, ou seja, durante o período em que o urbanismo comunitário se estabelece como prática bem sucedida na organização dos interesses sociais e como forma legítima de intervenção sobre o espaço da cidade, Françoise Choay escreve a introdução de sua antologia *O urbanismo*, na metade da década de 1960, auge das grandes obras viárias que adaptaram as cidades europeias e americanas para o transporte individual sobre rodas, o que imprimiu um novo padrão de desenvolvimento urbano e de ocupação do território.

Essas grandes intervenções viárias foram principalmente justificadas por relatórios técnicos que instrumentalizaram o conhecimento sobre a cidade para a transformação necessária à “era do automóvel”. No texto intitulado “O urbanismo em questão”, Choay critica o predomínio da atuação técnico-burocrática nas intervenções sobre a cidade, buscando na formação generalista dos chamados “pré-urbanistas” um caminho legítimo para alcançar-se a desejada integração entre a política e a técnica de planejamento urbano, fundamentando, portanto, uma “nova” forma de atuação em direção à sua prática como elemento de uma democracia social.

A autora organiza o pensamento sobre a cidade industrial em três fases: o pré-urbanismo, o urbanismo e a crítica de segundo grau, o urbanismo em questão.

O urbanismo seria uma atividade despolitizada cujo compromisso prático o reduziria a ser expressão de uma visão restrita da realidade que interpreta. Seus autores seriam os especialistas, geralmente arquitetos, cuja visão estreita dos problemas urbanos os afastaria das metas utópicas, de natureza emancipatória e de cunho político, responsáveis em última instância pelo alargamento das concepções espaciais estruturantes de uma nova sociedade. O pré-urbanismo concentra as reflexões, estudos e propostas sobre a cidade industrial que são parte de análises completas realizadas por historiadores, economistas ou políticos (Françoise Choay, *O urbanismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005, p. 18).

Desse modo a organização de uma atuação sobre a cidade partindo de interpretações multidisciplinares que possibilitem uma visão generalista sobre ela justifica-se no contexto primeiramente apontado por Choay como uma “questão” ao urbanismo e, posteriormente, organizado em um capítulo da “história intelectual do planejamento e do projeto urbanos no século XX” de Hall.

Os estudos sobre a cidade produzidos a partir dessa abordagem multidisciplinar em diversas situações permitiram definir com maior precisão os fenômenos observados. O crescimento da informalidade, a hiperperiferia urbana, o empobrecimento das áreas centrais e as transformações físicas e espaciais da produção industrial podem ser citados como exemplos.

Por outro lado, as conquistas sociais do planejamento local, pela ação de assessorias técnicas e de outros programas de assistência social, possibilitaram ampliar o direito à cidade melhorando as condições de moradia, principalmente nas zonas de informalidade. No Brasil, o marco da conquista desta forma de planejamento local foi a regulamentação da política urbana por meio do Estatuto das Cidades, em 2001, e a posterior criação do Ministério das Cidades, em 2003.

Foi nessa matriz teórica sobre a cidade que se assentou a ideia de uma abordagem generalista e multidisciplinar, que pautou a organização do III Seminário Cidade e Indústria: Ações Contemporâneas. O tema proposto¹ para este evento foi a transformação das cidades resultante das mudanças nos arranjos produtivos e os desafios decorrentes desta transformação, como a requalificação de edifícios e de setores urbanos estruturados originalmente em torno de sistemas produtivos que não existem mais do mesmo modo.

Estudos das últimas décadas contestam a ideia de que a atividade industrial estaria deixando as grandes cidades brasileiras e relativizam a afirmação de sua crescente “desindustrialização” e “terciarização”. A realidade que se apresenta é, sem dúvida, mais complexa, e os estudos urbanos e territoriais devem avançar no conhecimento dos novos arranjos produtivos, de suas demandas espaciais e também das modalidades de uso e ocupação do solo por eles geradas.

Ao mesmo tempo, as transformações nas atividades industriais e nas redes de infraestrutura necessárias para seu funcionamento significaram a busca por novos tipos de edifícios e por outras regiões das cidades, e, portanto, o abandono de plantas e bairros industriais tradicionais, trazendo grandes consequências para a configuração das cidades.

O tema proposto foi abordado com base em três temas complementares – novas tecnologias aplicadas ao estudo da cidade, patrimônio industrial e indústria e território –, cada um deles tratado por acadêmicos e técnicos, constituindo um panorama abrangente e completo, um modo de ver a transformação das centralidades e dos setores produtivos das cidades industriais.

¹ Os três parágrafos que seguem são parte das reflexões da comissão organizadora, registradas no texto de abertura do III Seminário da USJT: Cidade e Indústria: Ações Contemporâneas, e incorporadas à apresentação do tema proposto.

FICHA TÉCNICA DO EVENTO

Cidade e Indústria: Ações Contemporâneas

III Seminário do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Arquitetura e Urbanismo da USJT

Datas: 12 a 14 de agosto de 2009 (quarta, quinta e sexta)

Local: Universidade São Judas Tadeu

COMISSÃO ORGANIZADORA

Adilson Macedo (USJT/FAU-USP), Ana Paula Koury (USJT), Eneida de Almeida (USJT), Fernando de Mello Franco (USJT/MMBB Arquitetos), José Correa do Prado Neto (USJT)

COMITÊ CIENTÍFICO

Sistemas de informação: Altino Barbosa Caldeira (Iphan/PUC-MG), Ana Paula Koury (USJT), Fábio Duarte de Araújo Silva (PUC-PR).

Patrimônio industrial: Eneida de Almeida (USJT), Esterzilda Berenstein de Azevedo (UFBA), Marly Rodrigues (Memórias Assessoria e Projetos Ltda.), Silvana Rubino (Unicamp).

Indústria e território: Alvaro Augusto Comim (Cebrap/USP), Cibele Saliba Rizek (EESC-USP), Nadia Somekh (Mackenzie)

COORDENADORA DA PÓS-GRADUAÇÃO

Profa. Dra. Marta Vieira Bogéa

APOIO: Capes, Portal Vitruvius

REALIZAÇÃO: Centro de Pesquisa da Universidade São Judas Tadeu

PROGRAMAÇÃO DO EVENTO

12 DE AGOSTO

8h30–9h00 ABERTURA Alberto Mesquita Filho (pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação), Antônio José da Silva (diretor do Centro de Pesquisa), Marta Bogéa (coordenadora da Pós-Graduação) e Luiz Augusto Contier (coordenador da Graduação).

NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO APLICADAS AO ESTUDO DA
CIDADE

9h15–12h30 MESA Mediador: Adilson Macedo (USP/USJT), Benamy Turkienicz (UFRGS), Altino Barbosa Caldeira (PUC-MG), Nabil Bonduki (FAU-USP).

14h00–16h00 COMUNICAÇÕES

16h30–19h30 MESA Mediador: Ana Paula Koury (USJT), Cláudia Maria de Almeida (Inpe/Unesp), Fábio Duarte de Araújo Silva (PUC-PR), Tomás Cortez Wissenbach (Sempla).

13 DE AGOSTO

PATRIMÔNIO INDUSTRIAL

9h15–12h30 MESA Mediador: Eneida de Almeida (USJT), Esterzilda Berenstein de Azevedo (UFBA), Silvana Rubino (Unicamp), Beatriz Kühn (FAU-USP).

14h00–16h00 COMUNICAÇÕES

16h30–19h30 MESA Mediador: Alberto Xavier (USJT/Belas Artes), Andréa de Oliveira Tourinho (DPH), Marly Rodrigues (Memórias Assessoria e Projetos Ltda.), Luís Magnani (arquiteto e restaurador especialista).

14 DE AGOSTO

INDÚSTRIA E TERRITÓRIO

9h15–12h30 MESA Mediador: José Corrêa do Prado Neto (USJT), Cibele Saliba Rizek (EESC-USP), Alvaro Augusto Comim (Cebrap/CEM), Sylvain Souchaud (Institut pour la Recherche en Développement).

14h00–16h00 COMUNICAÇÕES

16h30–19h30 MESA Mediador: Fernando de Mello Franco (USJT/MMBB), Pedro Salles (Sempla/Escola da Cidade), Caroline Figueiredo Bertoldi Silveira (Viglicca Associados), Marina Grinover (Escola da Cidade/Easp).